

Editorial [PT]

por **Christiane Costa de Matos Fernandes**

christianecostamf@gmail.com

DOI: 10.12957/ek.2021.57156

Há uma questão central na teoria da história que permeia as discussões acerca do trabalho historiográfico desde o século XIX: o que individualiza um acontecimento no fluxo de acontecimentos para torná-lo “digno de história” ou, de maneira mais precisa, um objeto histórico? Ao radicalizarmos essa questão até suas últimas consequências vemos que o que está em jogo é a investigação acerca do *sentido* do objeto histórico, ou seja, o que faz que algo (um fato, um artefato, uma ação, um documento etc.) apareça como um elemento essencialmente histórico. “Sentido” é um conceito explicitamente ambíguo. Muitas vezes sinônimo do conceito de “significado”, em outros casos expressamente diferente deste. O historiador, teórico da prática histórica, Jörn Rüsen (1938 -) define que a “constituição histórica de sentido” (*historische Sinnbildung*) é a tarefa fundamental do pensamento histórico. É importante destacar a noção de “constituição” na sentença. *Constituir* história não é o mesmo que *instituir* história. Ou seja, o que está em jogo não é um construtivismo epistemológico que destaca e evidencia fatos a fim de instituir uma cadeia causal, mas um processo que reconhece a mediação da memória humana como elemento capaz de recuperar sentido. A memória humana, naturalmente, é insuficiente para reconstruir fatos tais como eles ocorreram. Contudo ela não é carente de objetividade, pois sua narrativa eleva, a partir da exigência do presente, elementos que podem ser compreendidos como históricos¹. Desse modo, a consciência histórica constitui sentido histórico. Obviamente, não pretendemos esgotar ou simplificar o pensamento de Rüsen, queremos apenas trazer à baila a implicação desse modo de

¹ Em função de nossos propósitos nesse editorial não poderemos aprofundar nesse tema. Acerca da história como forma elaborada da memória ver: RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Trad. Valdei Araujo e Pedro S. P. Caldas. RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Trad. Valdei Araujo e Pedro S. P. Caldas. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 2, n. 2, p. 163-209, 2009.

pensar a história e o sentido do objeto histórico: o valor, o sentido ou o significado de uma experiência do passado, mediado pela memória narrada, reconstrói uma “história para o presente”. A relevância dessa posição é que o sentido de um objeto histórico deriva, portanto, do nível de conexão com o horizonte presente da vida humana. O acesso ao passado, e a maneira como ele pode vir ao intérprete, depende das questões que são levantadas no presente². O tempo histórico não é, portanto, uma linha que organiza fatos simultâneos ou sucessivos instituídos conforme a categoria causal. O sentido do objeto histórico não é algo dado por si mesmo cujo único predicado essencial é referir-se ao que passou temporalmente. Ele conquista sua pertinência enquanto objeto histórico a partir da exigência da experiência presente que recupera aquilo que pode constituir historicamente seu sentido e projetar ações futuras.

Qual o propósito dessa exposição no Editorial do Dossiê intitulado *Pandemia: um ano depois?* Mesmo com a Pandemia ainda em curso, para nós brasileiros e brasileiras de maneira dramática, não faltaram vozes para indicar que vivenciamos um acontecimento histórico. A historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, por exemplo, em uma entrevista³ diz acreditar que a pandemia será o marco do fim do século XX para a consciência histórica futura. A partir do que foi exposto anteriormente, uma questão se impõe: se a pandemia do novo Coronavírus ainda está no horizonte de nossa experiência presente, qual a legitimidade de afirmar que ela marcará o que está por vir? De outro modo, se uma experiência do passado ganha sua pertinência histórica a partir de questões impostas em determinado horizonte presente da experiência, como podemos afirmar no presente momento em que vivenciamos a pandemia que ela já é significativa historicamente e que será no futuro? Não podemos, contudo, negar esse diagnóstico. O caráter de excepcionalidade do acontecimento da pandemia nos possibilita vislumbrar sua

² Sobre o que foi exposto Cf.: WIKLUND, M. Além da racionalidade instrumental: sentido histórico e racionalidade na teoria da história de Jörn Rüsen. Trad. Pedro Spinola Pereira Caldas. *História da historiografia*, v. 1, n. 1, p. 19-44, 2008. ASSIS, A. *A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução*. Goiânia: Ed. UFG, 2010. RÜSEN, J. *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

³ <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#page8>

marca significativa à consciência histórica. Precisamos compreender por qual motivo algo dessa ordem aparece como excepcional.

Vivenciamos em conjunto – em escala global – uma quebra da experiência ordinária do tempo. Essa ruptura, por sua vez, suspendeu de maneira significativa nossas orientações diárias mais comuns; nossos projetos existenciais mais simples. Como um trauma em nossa experiência temporal, a pandemia que vivenciamos não consegue ser integrada em um contexto significativo. Ela carece de sentido em nossa familiar tessitura temporal e existencial, narrar a partir dela e em meio a ela, parece narrar o absurdo. A pandemia parece estender o tempo; o presente é o que há, e a existência agora é espera. Se pensarmos a codependência entre o horizonte presente da vida humana e a possibilidade histórica – tanto em relação ao que pode vir a ganhar sentido como objeto histórico, bem como àquilo que pode orientar significativamente ações futuras, na medida em que nos deparamos com um vírus de capacidade letal, capaz de alterar as orientações de nosso horizonte, mobilizando a existência humana à *espera*, o que está ameaçado é, também, o próprio sentido histórico. É, portanto, uma excepcionalidade radical. A marca histórica da pandemia está exatamente na experiência da suspensão do sentido da narrativa histórica, pois é antes a suspensão da experiência do tempo em nossa vida mais ordinária. Afinal, nesse presente estendido que vivenciamos como espera, o que recuperar? O que projetar?

A partir do que foi exposto outra questão aparece: como elaborar esse trauma? De modo diverso de previsões otimistas – baseadas muito mais em desejos do que em indícios – a pandemia até agora não nos conduziu a nenhuma possibilidade de apropriação de nós mesmos, do tempo ou da história, mas em muitos momentos aprofundou uma cotidianidade empobrecida, com orientações de mundo arrefecidas, marcada sobretudo pelo trato impessoal da morte. Como diz a canção do cantor e compositor Criolo: “Vamos às atividades do dia lavar os copos, contar os corpos”⁴. Em suma, a excepcionalidade de um trauma sem elaboração.

⁴ CRIOLO. Lion Man (Álbum *Nó Na orelha*). São Paulo. Oloko Records: 2011 (3:25).

Não estamos questionando as necessárias ações de contenção da pandemia⁵, a questão que nos motiva é: diante da realidade da pandemia, diante do que foi e ainda é realmente necessário ser feito – por exemplo: o distanciamento social, medidas de higiene etc., – *por que não conseguimos em um ano pensar outro mundo que não aquele com aquelas condições de vida pré-pandemia?* Por qual motivo o que parece restar em meio à espera é apenas o desejo de retorno à “normalidade”?⁶ Por qual motivo ainda concebemos, ou mesmo desejamos, modos de vida que gestaram em nosso presente a espera, a letargia, o desamparo e a morte (como dados numéricos ao fim do dia) como possibilidades pungentes em meio à pandemia? Talvez essas sejam questões urgentes.

Parece-nos legítimo conceber que a pandemia já possui sua marca significativa à consciência histórica em função de seu traço radicalmente excepcional. Se a pandemia será o marco do fim do século XX à consciência histórica futura talvez não possamos saber exatamente. Mas se nossa única saída e o único desejo possível em meio à espera que vivenciamos é o retorno às condições de vida pré-pandemia, podemos afirmar: quando o passado é a única possibilidade do presente, o futuro já não existe mais.

⁵ Não fazemos coro de maneira alguma com posições como as de Agamben, mais comprometido com seu próprio arcabouço conceitual do que com os fenômenos. Cf. *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*. Tradução de Isabella Marcatti e de Luisa Rabolini. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

⁶ Podemos ser questionados aqui acerca do papel de cientistas, profissionais de saúde e de serviços essenciais, cujo papel foi e ainda é de intenso trabalho. Também podemos ser questionados acerca das inúmeras vidas perdidas. O nosso argumento não é contrário ao reconhecimento dos profissionais envolvidos. E somos solidários às famílias que perderam membros queridos. Pois o que questionamos aqui é exatamente uma “normalidade” que é incapaz de reconhecer a urgência dos alertas de especialistas e pesquisadores acerca de crises globais de saúde. Governos refêns da economia de mercado e da especulação financeira que ignoram alertas de especialistas acerca de riscos iminentes de pandemias, passando pelo aquecimento global até a exaustão do uso de recursos naturais e, ainda, promovem a falsa dicotomia economia x saúde. Como exemplo de alerta e soluções propositivas podemos citar o relatório da Global Preparedness Monitoring Board (GPMB) de setembro de 2019, disponível em: https://apps.who.int/gpmb/annual_report.html